

COMUNICADO DA LUAR

SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL



A LUAR, sem participar em situações alarmistas, sem cair em seguidismos nem em excitações estêreis, nunca perdendo portanto, a sua capacidade de análise e de crítica, manteve-se vigilante e actuante durante os acontecimentos da última semana.

Depois de os debater e de sobre eles reflectir, a Comissão Política e Executiva Nacional, considera o seguinte:

1 - A direcção do Partido Socialista Português, novamente, e na sequência de uma prática que tem cada vez menos a ver com a de uma formação cujo programa reivindica o fim do capitalismo e da sociedade classista, sobrepôs aos interesses nacionais e dos trabalhadores, a sua vontade hegemónica e a sua auto-informação partidária. Mas os aspectos deveras graves que tal facto tomou, a criação de uma situação que, objectivamente, só contribuiu para o reforço e para a ofensiva das forças reaccionárias, levam também e mais uma vez a concluir que a tática da direcção do P.S. é fundamentalmente determinada pelos interesses de classe dos seus componentes e pela sua dependência em relação à burguesia europeia social-democrata.

Aproveitando-se da acção desencadeada pela direcção desse partido, toda a direita, toda a contra-revolução, tem saído para a rua sob bandeiras do P.S., lançando palavras de ordem cada vez mais agressivas e violentas, E, como se poderia prever, não se ficou só pelas palavras. Diversas sedes de partidos progressistas foram assaltadas e destruídas, ao mesmo tempo que recuperando novo fôlego, patrões expulsam trabalhadores de empresas sob controlo operário e latifundiários opõem-se a tiro aos camponeses.

O anticomunismo que tem marcado as atitudes da direcção do P.S., por muito que se tente apresentar como objectivamente anti-P.C. contribui, pura e simplesmente, para reforçar o anticomunismo geral utilizado pela reacção.

Por outro lado, somos levados a concluir, que a direcção do P.S. tenta a todo o custo acelerar a ruptura previsível de uma forma extemporânea, antes que as forças populares estejam suficientemente consolidadas, contribuindo, assim, para uma recuperação da situação pela direita.

Deste modo, e como já anteriormente fizemos notar, consideramos que é tempo dos militantes do P.S. realmente interessados em fazer a revolução em Portugal, aqueles que apostaram no projecto socialista do programa desse partido, pedirem contas à actual direcção pela política nitidamente social-democrata que está praticando, ao mesmo tempo que terão de unir esforços para encontrar legítimos representantes e transformar radicalmente o seu partido pondo-o lado a lado com os operários, camponeses, soldados e marinheiros revolucionários.

2 - Consideramos que a atitude alarmista e a exploração dos acontecimentos feita pelo P.C., veio contribuir para o agravamento da situação. Por interesse nítido em instrumentalizar o clima gerado pelas manifestações e comícios do P.S., não hesitou o P.C.P. em assemelhar tal situação à do 28 de Setembro. É verdade que os

aproveitadores da direita estariam perfeitamente enquadrados numa "maioria silenciosa", mas daí a mobilizar contra pretensas marchas sobre Lisboa não é mais do que empolar os factos muito perigosamente.

Em tais circunstâncias, como as do último fim de semana, para que trabalhadores não fossem contra trabalhadores, para que uma oposição inter-partidária não se aprofundasse no seio da classe operária, dever-se-ia imputar às forças militares as operações de controlo directo. Sendo, pois, inaceitável que após comunicado do COPCON assumindo, precisamente, tal tarefa, a Intersindical tenha continuado a mobilizar trabalhadores para as barragens.

3 - É necessário resolver a questão do poder, criar uma autoridade revolucionária firme e decidida, exercida por um Governo Popular realmente representativo dos interesses das massas trabalhadoras. Isto constitui tarefa decisiva a que o M.F.A. - junto com as forças progressistas e revolucionárias - não pode mais fugir, forçando a ultrapassagem das suas contradições. E não pode porque é vital para o avanço e defesa do processo revolucionário.

Se se mantêm ambiguidades e hesitações nos centros do poder, se continuar o bloqueamento da máquina de Estado devido aos antagonismos partidários, se não se proceder às transformações estruturais, políticas e económicas, necessárias à eliminação total do modo de produção capitalista, não só não poderemos vencer qualquer "batalha da produção", como o projecto definido pela Assembleia do M.F.A. não conseguirá ultrapassar o nível do projecto. Tudo isto significará, por outras palavras, o pôr em causa o socialismo em Portugal.

Apelamos para que os nossos militantes, aderentes e simpatizantes se mantenham vigilantes, participem cada vez mais decididamente na criação e consolidação da organização autónoma dos trabalhadores e reforcem a decisão de lutar, sem hesitações, pelo socialismo e pelo poder popular.

VIVA O PODER POPULAR!

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

Lisboa, 23 de Julho de 1975.

Comissão Política e Executiva Nacional